

# SÃO LUÍS EM CORES & DORES



**José Neres**

# SÃO LUÍS EM CORES & DORES

José Neres

© copyright 2020 by José Neres

Todos os direitos reservados a José Neres e seus herdeiros legais.

Obra virtual com distribuição gratuita

Esta obra pode ser compartilhada e reproduzida, desde que seja respeitada a devida autoria e os créditos

### **São Luís: cores e dores**

Textos, revisão, diagramação  
e projeto gráfico

José Neres

Fotografias

Linda Barros e José Neres

Distribuição gratuita

Site

[joseneres.com](http://joseneres.com)

E-mail

Joseneres.com

Neres, José (1970)

São Luís: cores e dores/ José Neres. São Luís: Edição Virtual,  
2020.

22 páginas



São Luís,

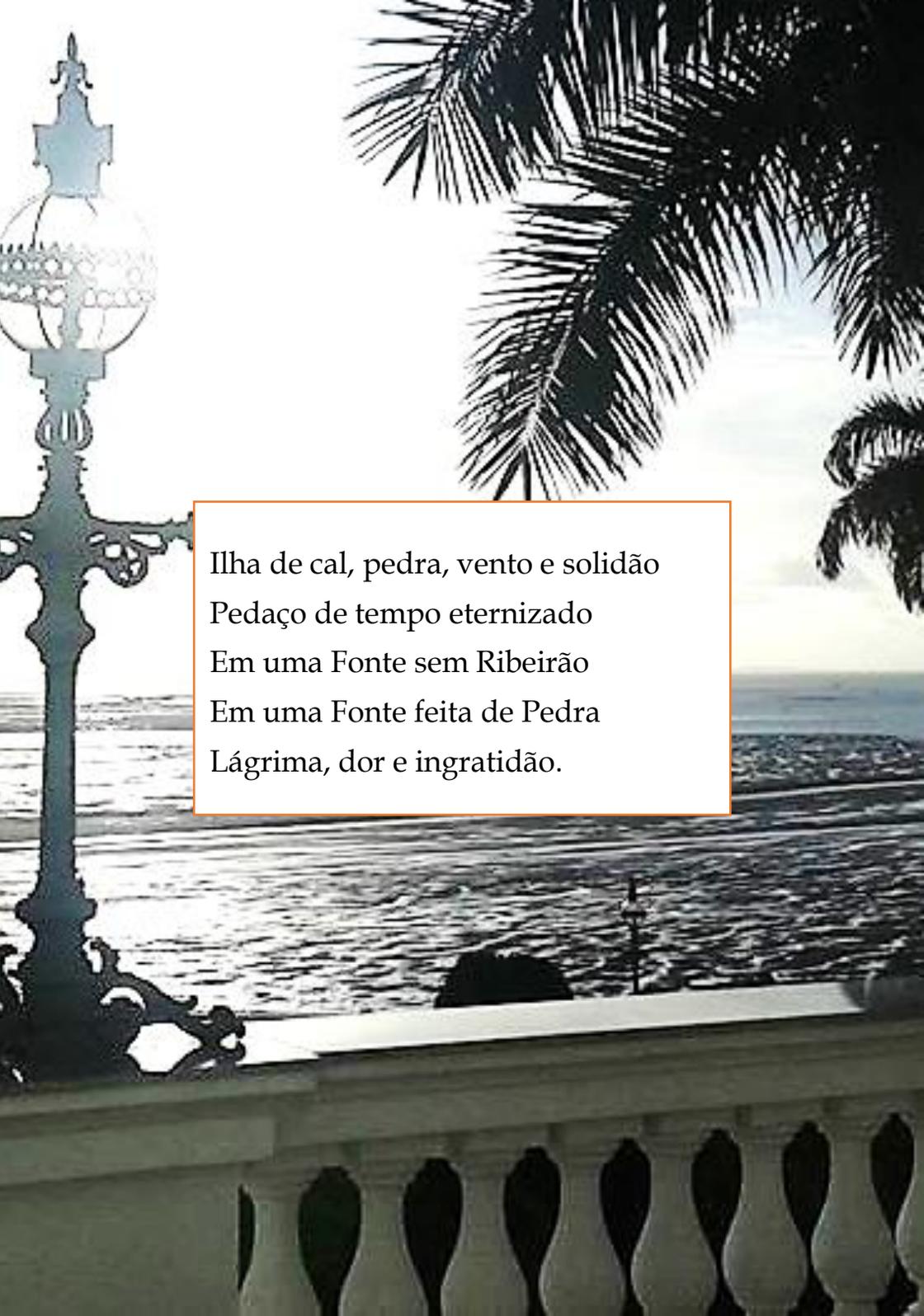
Terra de sal, terra de sol terra de vento

Terra de risos tristes e alegres lamentos.



São Luís,  
Ilha de pedra, cal e óleo de baleia  
Um mar de história  
Que uma ponte medeia  
Uma Cidade velha  
Uma Cidade nova  
Onde a nova beija as ruínas  
Da velha que nunca renova.





Ilha de cal, pedra, vento e solidão  
Pedaço de tempo eternizado  
Em uma Fonte sem Ribeirão  
Em uma Fonte feita de Pedra  
Lágrima, dor e ingratidão.



São Luís,  
Cidade de vã glória  
Onde uma Pedra da Memória  
Sepulta parte da história,  
Onde um Rio Branco, em alto brado,  
Como dejetos deixa povo negro  
Morrer Afogado em um raio de Sol.



Da minha não-morada avisto  
Meia-morada, morada-inteira,  
Vultos de meias verdades,  
Sombras de vontade alheia,  
Abrigo de fome verdadeira  
Que se alimenta da emoção  
Corroída pela forrageira  
Que destrói toda a razão.



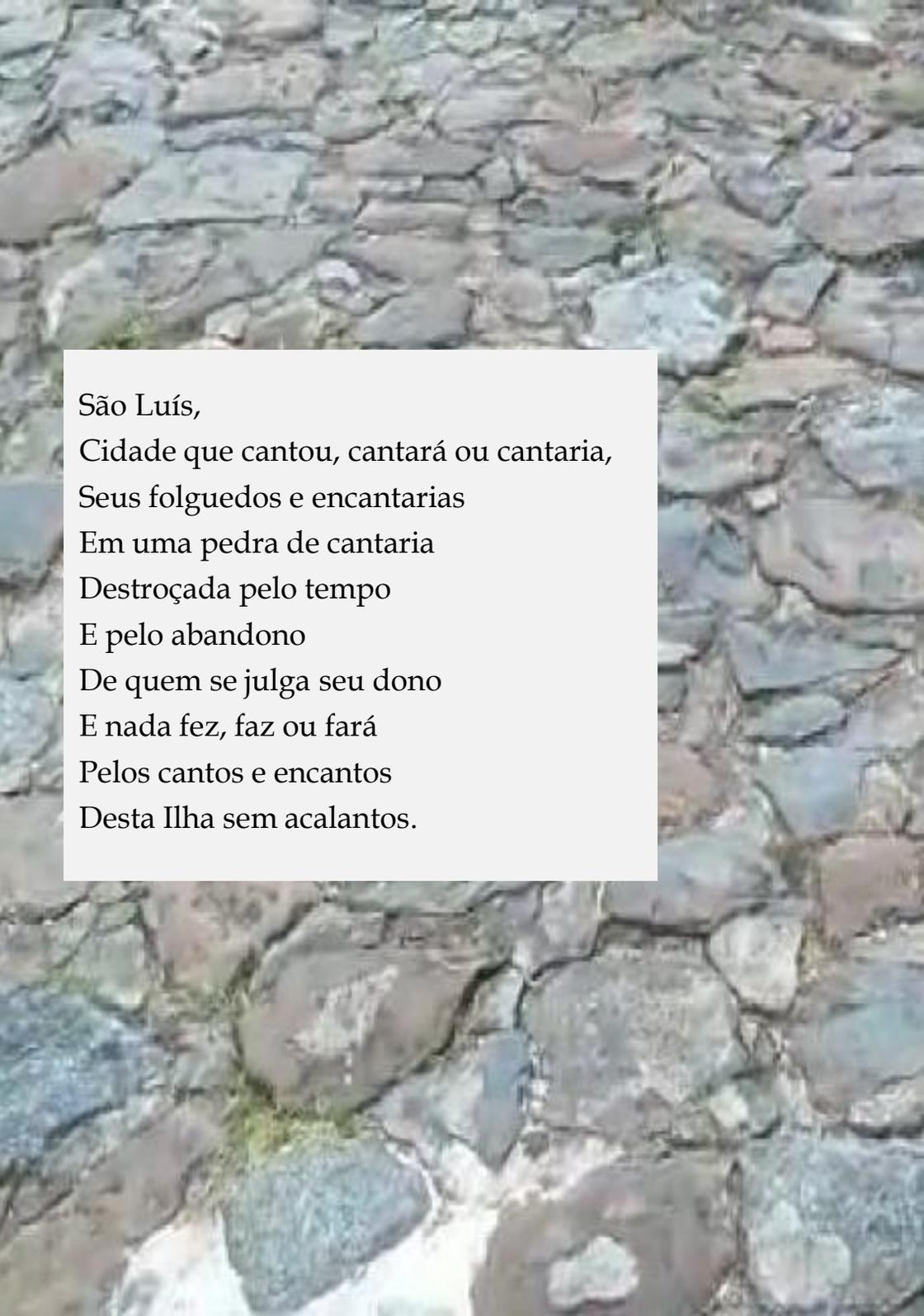


Das sobras dos sobrados me alimento  
Sinto na pele as dores do vento.  
A fome de meus irmãos  
Não depende só de minhas mãos.  
É preciso saber dividir  
Para os dois lados da ponte  
E não apenas para onde  
Um dedo apenas aponte.



São Luís,  
Mais de quatro séculos  
De histórias mal contadas,  
Muitas línguas decepadas,  
Tantas mãos mutiladas,  
De memórias ressecadas.



A photograph of a cobblestone path, likely in a historic or rural setting. The stones are irregular in shape and color, ranging from dark grey to light brown. A white rectangular text box is superimposed on the left side of the image, containing a poem in Portuguese. The text is centered within the box and reads:

São Luís,  
Cidade que cantou, cantará ou cantaria,  
Seus folguedos e encantarias  
Em uma pedra de cantaria  
Destroçada pelo tempo  
E pelo abandono  
De quem se julga seu dono  
E nada fez, faz ou fará  
Pelos cantos e encantos  
Desta Ilha sem acalantos.

A photograph of a sunset over the ocean. The sun is low on the horizon, casting a warm, golden glow across the sky and water. In the distance, a city skyline is visible. In the foreground, there are some white concrete structures and a person standing on the beach. The text is overlaid on the right side of the image.

Sob o mais belo pôr do sol  
Da Praça do Pescador  
Um poeta não pesca peixe  
Não pesca luz, só pesca dor  
E pede à dor que o deixe  
Seja lá como for.

São Luís...

Em seus mais de quatrocentos anos

De muita esmola

Embala o menino que cheira cola

Para esquecer seus desenganos

Sem saber se seus sonhos ciganos

Serão embalados em uma rede

Ou sufocados em uma sacola.





Das dobras do tempo  
Soam os tambores  
E batem os martelos  
Que desnudam segredos  
Das graças, das aranhas,  
Dos azevedos e montellos  
Das chagas, de urano,  
Do sonho arletiano  
Dos bandeiras, dos gullares,  
Dos poetas gerais  
De muitos nascimentos morais.

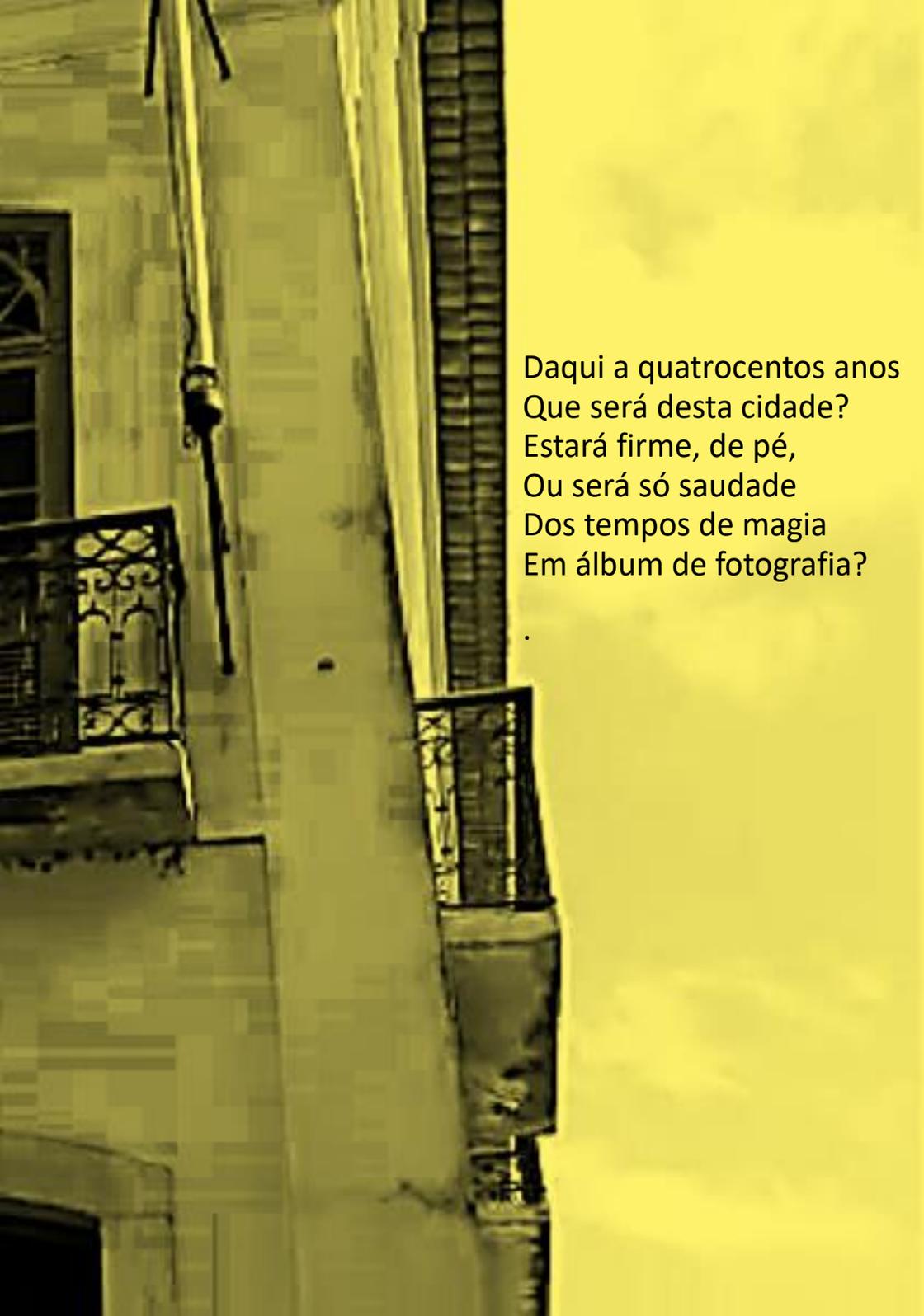
São Luís,  
Velha virgem despudorada  
Que sobreviveu de coito em coito  
Alugando-se na Rua Vinte e Oito  
Em seus muitos bordéis  
Por alguns contos de réis,  
Para, no dia seguinte,  
Ter mil homens a seus pés.

.

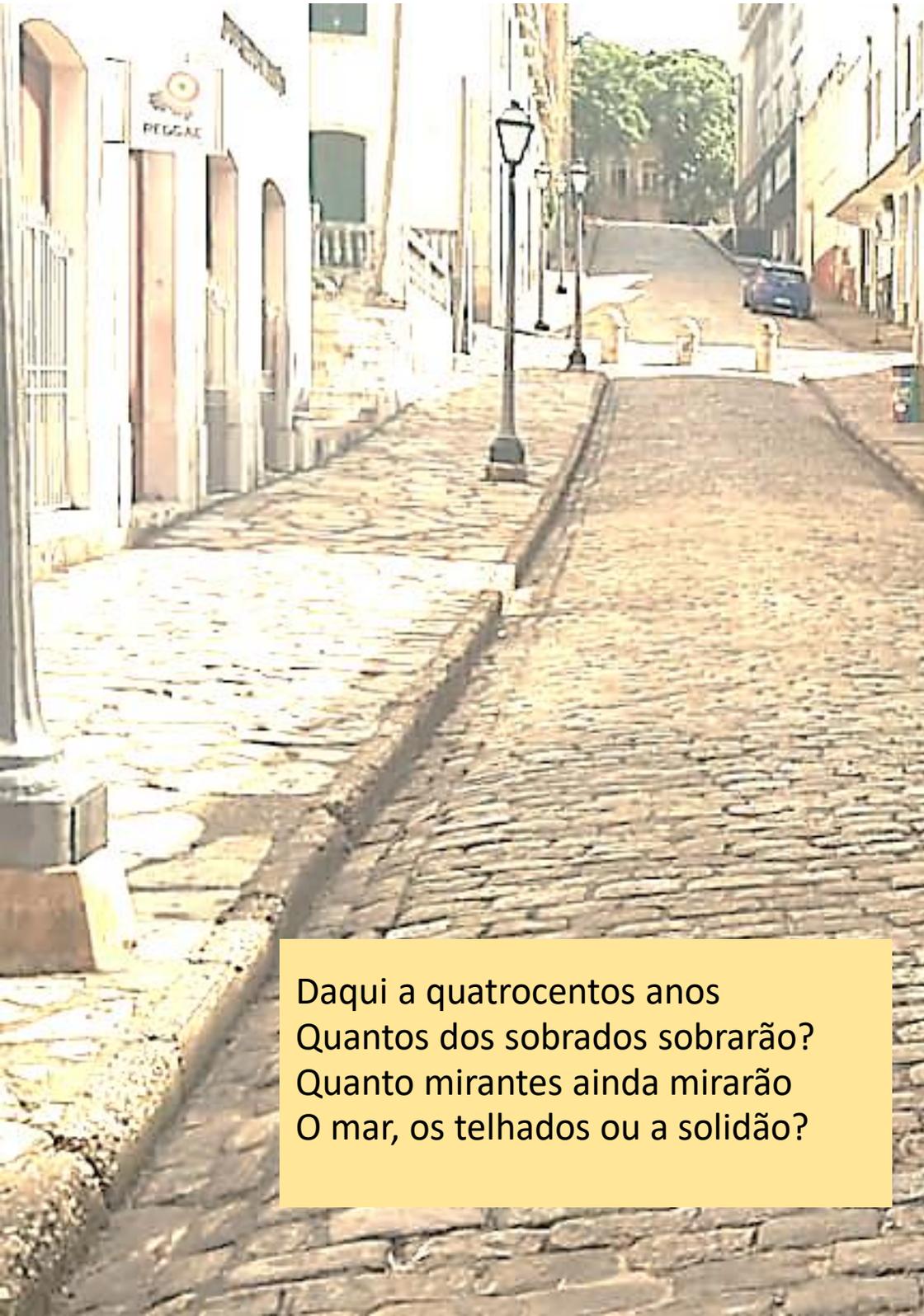


São Luís,  
Musa das farras loucas,  
Sala de matriarcas roucas  
Que arrastando ferragens  
Vagam em carruagens  
Até o fim dos tempos





Daqui a quatrocentos anos  
Que será desta cidade?  
Estará firme, de pé,  
Ou será só saudade  
Dos tempos de magia  
Em álbum de fotografia?



Daqui a quatrocentos anos  
Quantos dos sobrados sobrarão?  
Quanto mirantes ainda mirarão  
O mar, os telhados ou a solidão?

Daqui a quatrocentos anos  
Não mais estaremos por aqui,  
Ao pó dos pósteros  
Já haveremos retornado  
Mas desde já queremos  
Que cada mirante, cada sobrado  
Tenha destino feliz  
E ainda enfeite a bela São Luís.



Daqui a dez, vinte, cem anos  
Paredes, azulejos e desenganos  
Já se olvidarão de nós  
Os canhões do silêncio  
Ecoarão sua voz  
Por ar, terra e mar  
Buscando um Sabiá  
Que em uma palmeira  
Possa do Poeta lembrar.



# SOBRE O AUTOR

**José Neres** é professor de Língua Portuguesa e Literatura. É autor de diversos livros e artigos sobre Educação, Literatura e Meio Ambiente. É membro efetivo da Academia Maranhense de Letras, membro convidado da Sobrames (MA) e membro correspondente da Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (Aicla).



Scan me 